

OS MOSCOSO E VASCONCELOS ENTRE O PRIVADO E O PÚBLICO: A CRÔNICA DE UMA FAMÍLIA LIBERTÁRIA

Thiago Lemos Silva

Mestre em História (UFU)

RESUMO: Neste artigo, relaciono os posicionamentos de Neno Vasco sobre os papéis de gênero com a crônica da família Moscoso e Vasconcelos no Brasil e em Portugal, nas primeiras décadas do século XX. Meu objetivo é observar em que medida essa família libertária subverte ou se acomoda aos moldes do modelo parental vigente na sociedade capitalista. Para tanto, perscruto as crônicas de sua autoria que foram publicadas na imprensa anarquista e operária luso-brasileira, entre 1901 e 1919. Embora essa escrita fosse prioritariamente uma narrativa, utilizada para informar e debater com os leitores brasileiros e portugueses a respeito da luta cotidiana levada a cabo pelo movimento anarquista e operário na *Porta da América* e na *Porta da Europa*, ela também possibilitou ao nosso biografado uma forma de escrita de si, o que me permitiu encontrar uma chave para abrir não apenas a porta da história do movimento anarquista e operário em partes destes dois continentes, mas principalmente a porta da sua história de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Neno Vasco; Biografia; Anarquismo; Gênero; Escrita de Si.

ABSTRACT: In this article, I relate Neno Vasco's positions on gender roles to the chronicle of the Moscoso and Vasconcelos Family in Brazil and Portugal, in the first decades of the 20th century. My objective is to observe to what extent this libertarian family subverts or accommodates itself to the molds of the current parental model in capitalist society. Therefore, I scrutinize the chronicles of his authorship that were published in the Portuguese-Brazilian anarchist and working-class press, between 1901 and 1919. Although this writing was primarily a narrative, used to inform and debate with Brazilian and Portuguese readers about the daily struggle carried out by the anarchist and workers' movement at *America's Door* and *Europe's Door*, it also allowed our biographee a way of writing himself, which allowed me to find a key to open not only the door of the movement's history. anarchist and worker in part of these two continents, but mainly in his life story.

KEYWORDS: Neno Vasco; Biography; Anarchism; Gender; Writing himself.

Considerações iniciais

A partir de 05 de janeiro de 1903, o jornal paulistano *O Amigo do Povo* passava a ter como endereço a Rua Bento Pires. Ali residia Manuel Moscoso, que desde então ocupou o cargo de correspondente oficial do referido periódico. Essa mudança demandou da parte de

Neno Vasco⁹¹ uma maior regularidade nas visitas feitas àquele companheiro, com o propósito de acertar detalhes referentes à publicação jornalística, à criação de grupos de propaganda e ao estímulo à organização sindical da jovem classe proletária. Em meio a essas visitas, nosso biografado acabou por conhecer os pais de Manuel, o senhor Juan Moscoso Hinojosa e a senhora Aurora Lopez Burgueño, e suas irmãs, Carmem Moscoso, Aurora Moscoso e Mercedes Moscoso. A história da família “era mais uma, entre as muitas de imigrantes espanhóis que chegaram [ao Brasil] nos últimos anos do oitocentos” (Samis, 2009:178).

Oriunda de um povoado chamado Cuevas de San Marco, localizado na região andaluza da Espanha, a família tomou a decisão de emigrar com o intuito de fugir das difíceis condições financeiras, sensivelmente agudizadas por um surto de cólera que se seguiu aos terremotos no país, entre 1884 e 1887. Acreditavam encontrar no Brasil uma melhor qualidade de vida, algo que obviamente não se concretizou e acabou por despertar entre os membros do núcleo familiar a adesão e/ou simpatia pelas ideias libertárias (Samis, 2009: 178).

Foi nesse contexto que surgiu uma afinidade mútua entre Neno e Mercedes, uma das irmãs de Manuel. Essa afinidade permaneceria e cresceria mesmo após a mudança daquele para o Rio de Janeiro, em 1904, e evoluiria rapidamente para um relacionamento amoroso - que resultou em união no ano de 1905. Do enlace constituído surgiu a família Moscoso e Vasconcelos, à qual viriam se somar os filhos Ciro e Dino e as filhas Fantina e Ondina.

Neste artigo, busco relacionar os posicionamentos de Neno Vasco sobre os papéis de gênero assumidos por homens e mulheres com a crônica da família Moscoso e Vasconcelos tanto na *Porta da América* quanto na *Porta da Europa*, com a intenção de observar em que medida subvertem ou se acomodam aos moldes do modelo parental vigente na sociedade capitalista.

Para tanto, perscruto as crônicas de sua autoria que foram publicadas na imprensa anarquista e operária do Brasil e de Portugal, durante as duas primeiras décadas do século XX, abarcando alguns dos principais títulos pelos quais circulou sua produção literária, tais

⁹¹ Neno Vasco, pseudônimo de Gregório Nazianzeno Moreira de Queirós Vasconcelos, nasceu em Penafiel, norte de Portugal, em 09 de maio de 1878 e faleceu em 15 de setembro de 1920, em São Romão do Coronado perto do Porto. Neno Vasco passou a utilizar esse pseudônimo somente após o seu ingresso no movimento anarquista e operário em Portugal, por volta de 1900. Antes, atendia pelo seu nome de registro. Ver: Samis, 2009; Silva, 2012.

como: *O Amigo do Povo* (1902-1904) e *A Lanterna* (1911-1916), de São Paulo; *O Mundo* (1900-1907); *A Sementeira* (1909-1913); *A Terra Livre* (1913) e *A Batalha* (1919-1924), de Lisboa. A escolha de suas crônicas enquanto fonte privilegiada para esta pesquisa se impôs pela importância que esse gênero literário assumiu frente aos demais nos periódicos militantes. Segundo Antônio Arnoni Prado e Francisco Foot Hardman:

Longe do andamento figurativo e esquemático do romance humanitário aberto às teses anarquistas (heróis redentores, moralismo purificador, humanismo artificial do *locus amoenus*), impunha-se o registro da opressão cotidiana que transformava a palavra em instrumento de sobrevivência, experimentando a narrativa curta na percepção do flagrante (Prado; Hardman, 2011: 16).

Ao experimentar a narrativa curta, o cronista Neno Vasco consegue perceber o flagrante no momento da sua consecução. Desse modo, o assunto da sua escrita pode surgir de forma ocasional e ir preenchendo a pauta do jornal a partir das demandas que, segundo ele, sejam importantes para a militância, tais como:

[...] a denúncia de maus tratos nas fábricas, a comemoração de um evento revolucionário, o confronto com a repressão, o registro quase expressionista da miséria, a imagem corrosiva da cena burguesa, a caricatura impiedosa dos inimigos da causa, com ênfase para o burguês, o militar e o padre (Prado; Hardman, 2011: 16).

Embora essa escrita fosse prioritariamente uma narrativa, utilizada para informar e debater com os leitores brasileiros e portugueses sobre esse importante período do anarquismo, ela também possibilitou ao nosso biografado uma forma de escrita de si, ou seja, um tipo de escrita que toma a subjetividade:

[...] como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a “sua verdade”. Ou seja, toda essa documentação de “produção do eu autoral” é entendida como marcada pela busca de um “efeito de verdade” [...], que se exprime pela primeira pessoa do singular [...] do indivíduo que assume sua autoria. Um tipo de texto em que a narrativa se faz [...] de maneira que nessa subjetividade se possa assentar sua verdade, sua legitimidade como “prova”. Assim, a autenticidade da escrita de si torna-se inseparável de sua sinceridade (Castro, 2004: 14-15).

Isso permitiu, por sua vez, a este biógrafo encontrar uma chave para abrir não apenas a porta da história do movimento anarquista e operário nos dois continentes, mas também, e sobretudo, a porta da sua história de vida.

Os papéis de gênero na crônica de Neno Vasco

A união entre Neno e Mercedes toca diretamente na questão de gênero, a qual assumiu um lugar de destaque para os e as militantes anarquistas. De acordo com a cientista política estadunidense Martha Ackelsberg:

[...] o anarquismo compartilha com muitas tradições socialistas uma crítica radical da dominação econômica e uma insistência na necessidade para a reestruturação da sociedade em bases mais igualitárias, ele difere [entretanto] do marxismo em sua crítica do Estado, e das relações hierárquicas em geral. O anarquismo não desenvolve – enquanto teoria ou prática – especificamente questões para enfrentar a dominação masculina sobre as mulheres. Entretanto, por causa dos anarquistas reconhecerem que as relações hierárquicas tem muitas dimensões distintas (ainda que relacionadas), forneceu importantes fontes para as críticas de gênero sobre as relações autoritárias, e para muitos movimentos de libertação de gênero e sexual (Ackelsberg, 2016:2).

Como, entretanto, a militância libertária construiu suas práticas e discursos no que se refere às relações de poder e dominação baseadas no gênero? As diferenças e/ou desigualdades entre homens e mulheres são percebidas e tematizadas de que maneira? Quais rupturas e continuidades podem ser evidenciadas na crônica de Neno Vasco em relação aos papéis masculinos e femininos na sociedade capitalista? Com o intuito de melhor compreender tais problemáticas, recorramos à Joan Scott, para quem o gênero se constitui em:

[...] uma forma de indicar "construções culturais" - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. "Gênero" é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (Scott, 1995:75).

O gênero, enquanto categoria útil à análise histórica, deve analisar as experiências femininas e masculinas ressaltando sempre sua dimensão relacional, a partir da qual torna-se possível captar a diversidade das formas que os papéis desempenhados por mulheres e homens assumem em seus respectivos tempos e lugares. Observemos, portanto, a singularidade que estes papéis assumem no anarquismo luso-brasileiro, em geral, e na pena de Neno Vasco, em particular.

Conforme explicita Dolors Marin (2018), desde de fins do século XIX, a militância libertária pensará um amplo projeto revolucionário. Esse projeto buscava equacionar uma política de gênero sob o nome de “questão sexual”. A partir desse marco, a militância enfocava os múltiplos campos da vida social: desde a incorporação da mulher como força de trabalho igual ao homem até uma maior inserção das mulheres nas diversas instâncias políticas no movimento libertário, passando pela libertação sexual da mulher.

Tal projeto será, em larga medida, pensado a partir do neomalthusianismo, que, em linhas gerais, recolhe e ressignifica o legado de Thomas Malthus. Sob tal ótica, a fome, as epidemias e as guerras não eram resultados de um desequilíbrio gerado pela progressão geométrica da população, por um lado, e a progressão aritmética das subsistências, por outro. Muito pelo contrário, eram, na realidade, resultado da desigualdade social criada pelo modo de produção capitalista. Se é verdade que essas ideias não são originária e exclusivamente libertárias⁹², não é menos verdade que elas assumem um conteúdo eminentemente classista a partir dos trabalhos teóricos e práticos encetados pela Liga da Regeneração Humana, a qual tinha à sua frente justamente o anarquista Paul Robin.

Na primeira metade do século XX, o neomalthusianismo se espalhará rapidamente por todo o mundo, chegando à Espanha, por meio do médico Isaac Puente e da médica Amparo Poch y Gascón; à Argentina, por meio do médico Juan Lazarte e da pedagoga Iris Pavón e também a Portugal, e depois ao Brasil, por intermédio do próprio Neno Vasco. Essa lista ao redor do eixo Brasil-Portugal não ficaria completa sem a menção às pedagogas Maria Lacerda de Moura e Deolinda Lopes de Oliveira.

A recepção do neomalthusianismo em Neno Vasco pode ser evidenciado no momento em que ele faz seu *début* enquanto cronista, cobrindo o Caso Joaquina Rosa, no ano de 1901⁹³. Em linhas gerais, o caso em tela ocorreu em meados daquele ano, quando uma mulher chamada Joaquina Rosa tentou matar os seus filhos e, pouco tempo depois, tentou dar cabo da própria vida. Ainda que malogrado, o ato suscitou um amplo debate em terras lusitanas. De todas as partes, vinham acusações que formariam um amplo júri, que integrava, mas, ao mesmo tempo, transcendia os tribunais formais. Tanto setores conservadores quanto progressistas da sociedade buscavam explicações para a atitude daquela mulher que, (in)voluntariamente, parecia contrariar a “natureza” para a qual o gênero feminino supostamente fora criado: a de mãe.

A dramaticidade do fato - tanto por sua natureza quanto pelo rumo que tomou - chamou sobremaneira a atenção da imprensa, notadamente o jornal republicano *O Mundo*, que devotou inúmeras crônicas, reportagens e debates nos quais intervieram personalidades já

⁹² De acordo com João Freire e Maria Alexandre Lousada, o neomalthusianismo surgiu com Francis Place, que expôs a nova doutrina. Em 1822 e a que se seguiram, entre outros, Carlyle e Drysdale, todos não anarquistas. Freire, Lousada, 1982: 1367.

⁹³ Agradeço a João Fraga por chamar minha atenção para esses escritos e por me providenciar uma cópia deles.

de renome no cenário português, como o socialista Ernesto Silva (Infanticida!; A Fera!; Os filhos. O Mundo, 29/07/1901; 19/08/1901; 26/08/1901), o republicano Máximo Brou (Crimes Sociais - Joaquina Rosa. O Mundo.18/08/1901) e um de menor monta, o anarquista Neno Vasco.

Na visão do nosso biografado, a análise de seus interlocutores sobre o caso mostrava o grau ainda incipiente do neomalthusianismo em Portugal. A esse respeito, observou:

[...] quis eu lançar à discussão [...] um aspecto notável da questão que mais preocupa os homens que sentem e que sabem amar. Enquanto lá fora — por exemplo: na França, onde existe a «Liga da Regeneração Humana», quase toda composta de libertários — se faz pelo jornal, pelo livro, por meio de sociedades, uma propaganda ativa da maternidade livre, entre nós, em parte pelo desvio das atenções para outros assuntos e por ignorância, em parte pela fascinação exercida pela palavra eloquente dum grande romancista [Émile Zola], a importante questão tem sido completamente descurada (Neno Vasco. Livre Maternidade. O Mundo. 08 /09/1901).

E, ainda fazendo uma espécie de *mea culpa*, esclarece que:

No caso presente, ainda os espíritos mais largos, os próprios libertários, que se julgam de cérebro desembaraçado das teias de aranhado prejuízo, esses mesmos sentem uma teimosa repugnância pela ideia, vítimas inconscientes duma educação antiga. Eu, que escrevo isto, ainda não há muito que estava no mesmo erro, era ardente entusiasta da «Fecundidade»... E foi um camarada e amigo, Christiano de Carvalho, quem afinal acabou por me convencer (Neno Vasco. Livre Maternidade. O Mundo. 08 /09/1901).

Entendendo que o crescimento populacional entre as famílias operárias favorecia o *status quo*, na medida em que multiplicava as doenças, barateava a mão de obra e ainda fornecia soldados para lutarem nas guerras, libertários e libertárias entenderam que o controle da natalidade deveria se converter em uma questão chave na mudança revolucionária. A esse respeito, escreve Neno Vasco em tom quase incendiário:

Não lanceis ao mundo seres que ou serão inúteis ou vossos inimigos, sofrendo ou fazendo sofrer... A melhor prova de amor aos filhos, destinados à dor, à tirania, ao crime, ao ódio, será não os chamar à Vida, que não é digna desse nome, no seu sentido mais humano! Como Paul Robin, repitamos o verso de Sully-Prudhomme: Ó filho mais amado que nunca nascerá!⁹⁴(Neno Vasco. Livre Maternidade. O Mundo.08 /09/1901).

As rupturas introduzidas no que diz respeito aos papéis de gênero pelo anarquismo são enormes, sobretudo se considerarmos a rígida e conservadora moral católica da época. No entanto, é possível evidenciar também muitas continuidades. Duas passagens do nosso biografado, que gostaria de destacar, colocam em evidência essa tensão que atravessa a sua pena. Ao mencionar o papel das mulheres, argumenta que:

⁹⁴ O original é citado em francês “O fils le plus aimé qui ne naitras jamais!”

Ensinemos a mulher a lutar pela sua emancipação, libertando-se ela mesma, a por de parte essas mesquinhas reclamações: o direito de voto e outras quinquilharias semelhantes. E o primeiro passo para a sua emancipação é a livre maternidade. Regular a fecundidade do ventre, ter filhos quando lhes puder garantir a vida, ou não os ter quando assim o exigir alguma coisa como a doença, a falta de confiança no amante, qualquer outra — sem privações doentias e injustas — eis uma conquista a realizar desde já. E a ciência diz que tudo isso é possível, muitas vezes necessário e saudável; e mostra-nos meios inofensivos de o conseguir (Neno Vasco. Livre Maternidade. O Mundo. 08/09/1901).

Ao mencionar o papel dos homens, seus argumentos se alteram significativamente:

Tu, macho, se te puseres a fazer filhos, sem conta nem medida, como uma máquina, sabes o que de melhor te poderá acontecer? Havendo muitas bocas, em tua casa, haverá fome, porque os teus braços não chegam... A mãe dos teus filhos irá então também trabalhar, para a fábrica, por exemplo. A mulher é mais barata e a fábrica aceita-a... Concorrência terrível, não é verdade? Entre ti e a tua amante! Mas não é tudo: a tua mulher trabalha sempre, extenua-se, grávida ou não (Neno Vasco. Livre Maternidade. O Mundo. 08/09/1901).

Esse discurso sobre a maternidade livre se inscreve em um registro ambivalente, o qual gostaria de analisar com maior profundidade para identificar tanto suas rupturas, quanto suas continuidades no que se refere aos papéis de gênero.

Na primeira passagem, ele reconhece os direitos reprodutivos das mulheres, na medida em que questiona a identificação entre sexualidade e procriação, sinalizando para o fato de que as mulheres devem (ou não) ter filhos e filhas quando, como e com quem desejem (“Regular a fecundidade do ventre, ter filhos quando lhes puder garantir a vida, ou não os ter quando assim o exigir alguma coisa como a doença, a falta de confiança no amante, qualquer outra”). Em virtude dos avanços do conhecimento científico, as mulheres poderiam alcançar o controle da natalidade e conquistar sua autonomia (“E a ciência diz que tudo isso é possível, muitas vezes necessário e saudável; e mostra-nos meios inofensivos de o conseguir”).

Nesse sentido, ante à procriação irrefletida e inconsciente, que reduzia a mulher à condição de máquina destinada a fabricar uma prole numerosa e pobre, Neno Vasco irá investir na ideia de procriação refletida e consciente. Esses esforços iam ao encontro da opinião de que a divisão sexual do trabalho, tal como pensada na sociedade capitalista, submetia a mulher a uma dupla exploração, que ocorria tanto na casa quanto na fábrica. Não por acaso, os e as anarquistas, no Brasil e em Portugal, se esforçaram ao máximo para colocar ao alcance de todos e todas métodos anticoncepcionais que permitissem que as mulheres tivessem autonomia sobre seu próprio corpo.

Longe de pregar o fim da família ou qualquer coisa que o valha, o que esses homens e essas mulheres parecem desejar é que houvesse uma transformação na divisão sexual do

trabalho, de modo que não fosse conferida às mães a incumbência de cuidar sozinhas dos filhos e das filhas. Na visão de NenoVasco, tal tarefa deveria ser dividida com os pais e, principalmente, com toda a sociedade, que deve tomar a corresponsabilidade pelo processo de formação das crianças. Tais princípios podem ser fartamente observados na criação e manutenção de escolas modernas, modeladas *à la* Francisco Ferrer⁹⁵, numa e noutra ponta do Atlântico. Entendendo que um bom nascimento deve ser acompanhado de uma boa formação, a militância anarquista fundará instituições voltadas para a educação infantil, como a Escola Modernanº 1, em São Paulo, ou a Escola-Oficina nº 1, em Lisboa, onde meninos e meninas recebiam de professores e professoras um ensino misto, libertário e racional, desafiando claramente a cristalização dos papéis de gênero vigentes à época.

Já na segunda passagem citada, Neno reforça a naturalização do papel materno como se fosse uma função essencialmente biológica, na medida em que reproduz as justificativas ideológicas da divisão sexual do trabalho tal como existe na sociedade capitalista. Ou seja, quando aborda os homens (“Tu, macho, se te puseres a fazer filhos, sem conta nem medida, como uma máquina”) para persuadi-los sobre a importância do controle da natalidade, chama a atenção destes para a consequência dos seus atos (“Havendo muitas bocas, em tua casa, haverá fome, porque os teus braços não chegam”). Tal situação se complexifica ainda mais na medida em que a mulher é incorporada como força de trabalho no mercado capitalista (“A mãe dos teus filhos irá então também trabalhar”... “A mulher é mais barata”... “Concorrência terrível, não é verdade? ”). Ocorre que, escrevendo dessa maneira, Neno pressupõe que o lugar da mulher seria primordialmente em casa, não na fábrica.

A atribuição de diferentes papéis a homens e mulheres, tal como posto em relevo por Neno Vasco, não é um dado evidentemente fortuito. Muito pelo contrário, ela revela (in)voluntariamente como o ideário anarquista aceitou e naturalizou, em alguma medida, a divisão sexual do trabalho na sociedade capitalista: enquanto os homens deveriam adentrar o

⁹⁵ Francisco Ferrer foi um pedagogo espanhol de orientação libertária responsável pela implementação da educação racionalista, que se materializou na Escola Moderna de Barcelona em 1901 e de outras tantas que surgiram no restante estado espanhol. Seu ideário era baseado na educação científica, integral e revolucionária para meninos e meninas. Por esse motivo foi perseguido, preso e executado em 1909 por um tribunal fraudulento. Seu legado foi objeto de intensa reivindicação na imprensa anarquista e operária luso-brasileira nas três primeiras décadas do século XX. A esse respeito, Neno Vasco escreveu: “Extraordinário destino o de Ferrer! Ele, que era um grande trabalhador dedicado e modesto, inimigo do ruído e da fama, livra-se subitamente, nas asas da celebridade e do martírio, às alturas luminosas dum símbolo, vivo e palpitante, límpido e imperecível; e depois de ter fertilizado com o seu sangue o terreno fecundo das ideias novas, continua, na sua memória simbólica, a ser a vítima sempre triunfante e sempre semeadora”. Neno Vasco. Ferrer novamente executado! – Da Porta da Europa. A Lanterna. 13/03/1915. A respeito do pensamento de Francisco Ferrer, ver: Ferrer, 2014. Sobre sua presença no Brasil e em Portugal, ver respectivamente: Floresta, 1998; Barreira, 2006.

espaço público, assumir cargos de liderança na militância ou então colocar-se à frente do competitivo mundo do trabalho, as mulheres deveriam permanecer confinadas no espaço privado, adotando a responsabilidade pela criação dos filhos e ajudando, na medida do possível, os seus companheiros.

Embora liberadas da maternidade forçada mediante o controle racional da natalidade, as mulheres permaneciam, igualmente, porém de forma diferente, presas no interior desse imaginário que as representava como as principais responsáveis pelo cuidado, socialização e formação dos filhos e das filhas, símbolos máximos da redenção humana da futura sociedade emancipada. Daí a necessidade de instruí-las segundo os preceitos da ciência, para que pudessem realizar do modo mais eficiente possível esta finalidade.

A relativa autonomia entre sexualidade e reprodução ensejou, da parte dos e das militantes, concepções menos rígidas e mais oxigenadas de moral sexual do que para a maioria dos homens e mulheres da época. Na direção contrária dos malthusianos clássicos, os neomalthusianos anarquistas defenderam que “a abstinência é ainda uma pesada escravidão, cujas funestas consequências são bem conhecidas dos fisiólogos e moralistas”. Sendo assim, “a liberdade positiva consiste precisamente na possibilidade de normalmente satisfazer as necessidades naturais”(Neno Vasco. Noções rudimentares sobre amor livre. *A Sementeira*. Maio de 1916). Nesse sentido, a educação sexual ganha um papel central para o nosso biografado, propugnando o esclarecimento dos dois gêneros “contra a perigosa ignorância relativa à questão da sexualidade”. A esse respeito aconselha dois trabalhos em francês. A propósito da educação dos adultos, sugere “o livro magistral do ilustre” psiquiatra Augusto Forel, *La Question Sexuelle* e para os menores, “o hábil trabalho” do educador George Bessède, *L’Initiation Sexuelle* (N.[eno] V.[asco]. Pelas publicações. A Lanterna. 11/05/1912).

Tais concepções tiveram um efeito considerável sobre o que compreendiam por amor e os relacionamentos conjugais que se desdobrariam dele. No lugar do casamento monogâmico indissolúvel, advogava-se a união livre, quer dizer, a capacidade de homens e mulheres escolherem voluntariamente suas companheiras e seus companheiros sem dar satisfação à Igreja ou ao Estado.

No entanto, o cronista esclarece que:

[...] o laço legal só constitui verdadeiramente uma certa coação para os ricos, por motivos econômicos; e esses mesmos procuram hoje um corretivo no divórcio e nas diversas formas de separação por lei. Para os pobres, o matrimônio e

o divórcio decretados por um juiz têm um valor cada vez mais reduzido, e o último está mesmo fora do alcance da sua bolsa. O laço religioso ou legal vale sem dúvida para quem nele vê qualquer coisa misteriosa e sacra, para os crentes da religião da Igreja ou do Estado; mas esses sentimentos são hoje laços cada vez mais frouxos e raros, e os casamentos legais e até religiosos tornam-se meras formalidades, que os homens executam por hábito ou para estar bem com todos, sem ideia alguma da indissolubilidade eterna e sagrada (Neno Vasco. Noções rudimentares sobre amor livre. A Sementeira. Maio de 1916).

Se de fato as restrições mais antigas impostas pela Igreja ou as mais recentes impostas pelo Estado eram impeditivas para a união livre aos olhos de Neno Vasco, elas não eram as únicas ou as mais significativas. Para o nosso biografado, as causas do amor escravo deitavam suas raízes na existência da propriedade privada, que estimulava o sentimento de posse sobre o outro, sobretudo dos homens em relação às mulheres. Na visão libertária, a conversão delas em propriedades que eles poderiam explorar livremente, seja para perpetuação da prole, seja para satisfação do seu desejo sexual, tornava a fronteira entre o casamento e a prostituição tênue, diferenciando-se por um único motivo: enquanto a esposa é vista como propriedade de apenas um homem, a prostituta é vista como propriedade de vários.

Além disso, esse sentimento de posse traduz-se na naturalização de uma série de atos violentos dos maridos para com as esposas, que acabam se convertendo em vítimas fatais nas mãos dos seus algozes:

Bem mais fortes grilhões do amor escravo são a dependência econômica, a situação dos filhos, o medo à violência e à vingança, o pavor das conveniências sociais, as diferentes formas de coação direta ou indireta, que entre si se amparam e se produzem, provocando uma opinião rotineira que constitui o seu ambiente moral necessário e que sanciona e poetiza como simpáticos dramas passionais mesmo as mais selváticas e odiosas expansões da brutalidade física. Ademais, a liberdade e a sinceridade do amor são, por assim dizer, feridas no ovo pela massa das mentiras convencionais de que se vê rodeada a adolescência, mantida, sobretudo a parte feminina, na ignorância das armadilhas, traições e desenganos da ficção de amor e de união sexual hoje dominante (Neno Vasco. Noções rudimentares sobre amor livre. A Sementeira. Maio de 1916).

O tom quase lacônico com o qual encerra o diagnóstico esboçado nas linhas acima é sintomático de que a união livre é mais fácil de conceber na teoria do que aplicar na prática no interior da sociedade capitalista. Posto que enquanto existir a propriedade privada e o sentimento possessivo entre que lhe é correlato, a tragédia entre o gênero masculino e o feminino persistirá. A união livre, portanto, só será plenamente exequível quando o princípio individual da propriedade for destruído e os meios de produção forem socializados entre o conjunto da população trabalhadora, permitindo com que dupla moral sexual - que permite com que o homem desfrute livremente de sua sexualidade, enquanto a mulher é obrigada se acomodar a condição de esposa frígida ou da prostituta pervertida – desapareça.

Mesmo nas condições ideais acima descritas, Neno Vasco acreditava que a monogamia:

[...] marca o ponto para o qual se dirige espontaneamente a evolução da família. Porque afinal esta, foco da educação moral, escola indispensável dos pensamentos afetivos, não assenta apenas sobre a paixão sexual, que pode durar pouco; mas ainda e sobretudo nos hábitos de afeição e solidariedade criados entre os dois seres que convivem, fundindo por assim dizer as suas almas, e o que o amor a prole ligam estreitamente (N.[eno] V.[asco]. Pelas publicações. A Lanterna. 11/05/1912).

Novamente, ressalto a ambivalência como fio condutor complexo para se pensar as relações entre os gêneros sob a pena de nosso biografado. Por um lado, as rupturas são enormes ao se pensar as uniões fora da ótica da institucionalização ditada pela Igreja/ou pelo Estado, o que concede mais autonomia para que os homens e – principalmente – as mulheres possam escolher suas companheiras e seus companheiros. Por outro lado, as continuidades são grandes, pois parecem reforçar o modelo nuclear de família como uma forma de proteger os membros da classe trabalhadora face a alienação do capitalismo.

Frente ao caráter egoísta, frívolo e doentio do mundo capitalista, a família emerge como uma projeção do futuro mundo anarquista, marcado pelas características solidárias, sóbrias e saudáveis. Essa defesa, entretanto, não é acompanhada de uma discussão mais profunda sobre a divisão sexual do trabalho, o que implica na renaturalização do papel subalterno da mulher frente ao homem, tal como já se encontrava posto na sociedade burguesa.

Em íntima conexão com a maternidade, a sexualidade e a união, o tema da militância feminina também foi uma tópica bastante discutida na imprensa anarquista e operária luso-brasileira. Tanto do lado de cá, quanto do lado de lá do Atlântico, lemos notícias nos jornais sobre greves, manifestações e *meetings* envolvendo uma participação massiva de mulheres. Essa ideia ia ao encontro de que as mulheres deveriam se unir aos homens, para que juntos pudessem colocar um fim não só à exploração de classe, mas, igualmente, à dominação de gênero. Tal fato fez com que grande parte da militância libertária – tanto a masculina quanto a feminina – rechaçasse o feminismo, identificando-o como um movimento essencialmente burguês. Neno Vasco, que em mais de uma ocasião abordou o tema nas suas crônicas⁹⁶, dizia que:

O movimento das sufragistas é sem dúvida simpático a todos os revolucionários sociais [...] não só pela altiva energia que elas empregam e sem a qual nem ouvidas

⁹⁶ Ver: Neno Vasco. Gestos femininos-Da Porta da Europa. A Lanterna. 11/04/1914.

seriam, mas, ainda porque aos olhos dos que tem em vista a emancipação do ser humano e abolição de todos os privilégios, muito legitimamente reclamam as mulheres os direitos, verdadeiros ou ilusórios, concedidos aos homens. Esses direitos, não são aliás inteiramente ilusórios para a classe das mulheres que os reclama, embora não tenha valor para as operárias. Porque o feminismo das sufragistas é um feminismo burguês, que pode interessar as senhoras das classes médias, e mesmo as aristocratas, mas não interessa a mulher pobre, para quem as reivindicações feministas, consignadas em lei não representariam aumento algum de possibilidades econômicas e de liberdade efetiva (Neno Vasco. O feminismo e a mulher proletária. A Terra Livre. 27/03/1913).

Para o cronista, os direitos reivindicados pelas feministas sufragistas, tais como o voto, a abolição de certas incapacidades jurídicas, o fim de sua inferioridade legal na família e admissão em certos cargos públicos alteravam apenas a situação das mulheres burguesas, ao passo que, para as mulheres operárias, a questão era outra. Sua condição econômica as colocava em uma situação em que os direitos formais lhe pareciam insignificantes, pois, sem proventos mais generosos, elas não teriam pensões pelas quais lutar e, muito menos, heranças a receber; condição, aliás, que elas compartilhariam com seus companheiros. Disso resulta, para Neno, que as operárias deveriam se unir aos operários e que, juntos, deveriam lutar contra os patrões e as patroas, pois: “A mulher operária está em perfeito pé de igualdade com o companheiro: não lhe é inferior. São ambos inferiores ao patrão, estão ambos jungidos à mesma canga. É a igualdade na pobreza e na escravidão; e é também a estreita solidariedade que desse fato resulta” (Neno Vasco. O feminismo e a mulher proletária. A Terra Livre. 27/03/1913).

Ao colocar em questão os alcances e limites do feminismo sufragista, a análise do cronista é certa ao mostrar as diferenças que separam as burguesas das operárias. Porém, quando ela se propõe a analisar as diferenças entre os operários e as operárias, sua análise parece mais contemporizada. A esse propósito, segue mais um trecho:

É certo que as suas condições de salário e de trabalho são inferiores às dos homens. Mas nesta desigualdade não tem interesse nem responsabilidade os seus companheiros de labuta, mas sim o patronato, composto de damas e cavalheiros. Para extinguir essa desigualdade, as operárias não precisam de fazer feminismo, mas luta de classes; não tem de lutar contra os homens, mas sim contra os patrões dos dois sexos. E nessa luta tem a solidariedade dos companheiros, tanto ou mais interessados do que elas na elevação dos salários femininos para atenuação da concorrência e fortalecimento da resistência operária. Ao operário consciente da necessidade dessa emancipação, cumpre esforçar-se por trazer para a vida ativa do militante, do sindicalizado, do propagandista, todas as mulheres que puder influenciar (Neno Vasco. O feminismo e a mulher proletária. A Terra Livre. 27/03/1913).

Como se pode evidenciar, ele chega a reconhecer a desigualdade de gênero entre as proletárias e os proletários (“É certo que as suas condições de salário e de trabalho são

inferiores às dos homens”). Porém, no momento de explicar as causas que tornam isso possível, a pena do cronista minimiza a responsabilidade dos homens operários e a atribui toda a responsabilidade dos homens e mulheres oriundos da burguesia (“Mas nesta desigualdade não tem interesse nem responsabilidade os seus companheiros de labuta, mas sim o patronato, composto de damas e cavalheiros”). Este embaraço só encontraria alguma solução na luta de classes, que, unindo os operários e as operárias contra os burgueses e as burguesas, permitiria a articulação de uma resistência mais eficaz (“as operárias não precisam de fazer feminismo, mas luta de classes; não tem de lutar contra os homens, mas sim contra os patrões dos dois sexos”). O meio adequado para isso seria a criação de espaços – anarquistas ou sindicais – que fossem mistos, em que as demandas femininas fossem vistas como demandas da classe na sua totalidade (“nessa luta tem a solidariedade dos companheiros, tanto ou mais interessados do que elas na elevação dos salários femininos para atenuação da concorrência e fortalecimento da resistência operária”). Por fim, propugna que o trabalhador deve se esforçar ao máximo para trazer e integrar ao movimento as operárias (“Ao operário consciente da necessidade dessa emancipação, cumpre esforçar-se para trazer para a vida ativa do militante, do sindicalizado, do propagandista, todas as mulheres que puder influenciar”).

Não se poderia deixar de destacar, mais uma vez, a ambivalência, a fim de refletir sobre a visão complexa do anarquista acerca dos papéis de gênero. Se, de um lado, ele avança ao descrever a desigualdade de gênero, a incorporação da mulher enquanto força de trabalho e a necessidade da militância conjunta contra o patronato, de outro, ele mantém-se claudicante ao não incorporar analiticamente o gênero (o que é diferente de apenas descrever) como constitutivo da classe, ao não apontar formas concretas de recrutamento e incorporação das mulheres nas organizações sindicais e específicas e, por fim, por creditar aos homens a função de fazê-lo, como se nas casas destes próprios homens já não tivessem muitas mulheres que poderiam ser militantes, mas, não o eram por causa da naturalização, em algum grau, da divisão sexual do trabalho, que, no caso, nunca é explicitada e debatida.

Para muitas das operárias, era impossível trabalhar na fábrica e em casa e ter tempo hábil para ler, frequentar reuniões, participar da feitura de jornais, organizar sindicatos etc... Tal estado de coisas fez com que muitas mulheres libertárias da *Porta da América* e da *Porta da Europa*, começassem a perceber a necessidade da formação de espaços que dirigissem suas energias para formular, debater e resolver problemas próprios do seu cotidiano. Como resultado desse acúmulo de experiência, várias delas, como Tecla Fabbri, Carolina Boni e

Júlia Queiroz, fundaram periódicos, como *O Nosso Jornal* do Rio de Janeiro⁹⁷, organizaram sindicatos, como a *União das Operárias Costureiras e a Associação das Costureiras de Saco*, de São Paulo⁹⁸ e criaram grupos femininos, como a *União das Mulheres Anarquistas*, de Lisboa⁹⁹, voltados para a autoemancipação feminina. Entendiam que as trabalhadoras demandavam uma formação à parte, para que pudessem se capacitar a ponto de estar em condições de lutarem pelos seus direitos, pelos direitos dos homens e pelos direitos da classe trabalhadora como um todo.

A dificuldade de encontrar o tom necessário para enfrentar o machismo – inclusive dos próprios homens anarquistas – parece ter sido algo vivenciado pelo nosso biografado, socializado na e pela sociedade patriarcal luso-brasileira. Nesse processo, ele oscilou em um movimento pendular - ora de ruptura, ora de continuidade - com os valores da moral de seu tempo e de seu espaço (Seixas, 1992:218). Imerso em um momento particular da história, sua concepção libertária dos papéis de gênero não poderia emergir sem os conflitos que a instituíram e estruturaram enquanto tal.

Os papéis de gênero na crônica da família Moscoso e Vasconcelos

Ao analisar a dinâmica da união de Neno Vasco e Mercedes Moscoso, Alexandre Samis aponta que:

O casamento havia tocado Neno Vasco profundamente. A vida com uma companheira anarquista, irmã de um grande amigo e ativista, servia de linimento a qualquer mal do espírito que pudesse se apossar dele em função das desventuras econômicas ou revezes políticos. Tudo que havia escrito sobre o amor livre, as denúncias que fizera das condições enfrentadas pela mulher na sociedade capitalista e mesmo as intermináveis linhas sobre o papel do amor podiam encontrar na relação com Mercedes uma síntese extraordinária (Samis, 2009: 179-180).

Mas, de que maneira essas concepções teóricas e ensaios práticos dialogam? Em que registro se inscreve a divisão sexual do trabalho no interior da família Moscoso e

⁹⁷ *O Nosso Jornal*, que saiu no Rio de Janeiro em 1923, sob a iniciativa do *Grupo Emancipação Feminina*, contava com a presença de Carolina Boni, Maria Alvarez, entre outras, para divulgar as ideias libertárias entre as mulheres. O periódico, que contou com apenas um número, surgiu sob a clara influência do periódico *Nuestra Tribuna*, que circulou nas cidades de Necochea e Buenos Aires, entre os anos de 1921 e 1925, sob a direção de Juana Rouco Buella. O sexto número do *Jornal de Borda*, trouxe a reedição fac-similar de dois números dos dois jornais. Ver: *Nosso Jornal*, Rio de Janeiro, edição única, 01/05/1923 e *Nuestra Tribuna*, número 3, 15/09/1922. Para uma análise dos dois periódicos, consultar: Grigolin, 2020.

⁹⁸ Em 1906, elas assinaram um manifesto destinado às jovens companheiras de São Paulo, onde dão conta da sua atuação. Ver: Rago, 2014.

⁹⁹ Criada por Júlia Queiroz, a União das Mulheres Anarquistas surge do grupo anarquista *Primeiro de Janeiro*, em 1912 e atua até em 1915. Ver: Gama, 2014.

Vasconcelos? Em que medida essa divisão se acomoda e/ou subverte a ordem patriarcal vigente? É importante sublinhar que embora as experiências individuais e coletivas forneçam a base autorreferencial para a realização e o exercício da escrita cronística de Neno Vasco, nosso biografado nunca se mostra por inteiro nela. Ou seja, mesmo que sua experiência de união livre no âmbito privado seja uma fonte de inspiração para escrever, tal referência nunca aparece no âmbito público. Essa constatação nos leva à seguinte hipótese: se sua escrita cronística é uma escrita de si, fornecendo uma chave que permite adentrar em sua história de vida, é forçoso aceitar que ela abre apenas algumas dessas portas; outras tantas permanecem cuidadosamente fechadas.

Tal hipótese nos leva a refletir acerca da dimensão de gênero presente nas escritas autobiográficas de homens e mulheres no movimento anarquista e operário, objeto de arguta reflexão da parte de Margareth Rago:

[...] as mulheres [e os homens] têm um aporte específico na construção da linguagem e cultura, aporte marcado pelas diferenças de gênero experimentadas ao longo da própria vida, a partir de determinadas configurações sociais e culturais, e não determinadas por diferenças biológicas de sexo [...] se bem que as diferenças de gênero não respondam por todas as diferenciações que marcam os processos mnemônicos de mulheres e homens, é visível que cada gênero se organiza e se inscreve à sua maneira, redesenhando e ressignificando seu próprio passado, configurando seu próprio discurso e construindo sua auto-imagem (Rago, 2001:19-20).

Certamente, o que motivou o enlace entre Neno e Mercedes foi “o amor, o consentimento recíproco e a consciência esclarecida do problema sexual [...] dos dois amantes”. O matrimônio não contou com a sanção religiosa por não acreditarem na “indissolubilidade eterna e sagrada” do laço que os unia. Entretanto, não conseguiram se desfazer da sanção legal, não sabemos se por “meras formalidades, que os homens [e as mulheres] executam por hábito ou para estar bem com todos” (NenoVasco. Noções rudimentares sobre amor livre. A Sementeira. Maio de 1916).

Mesmo sem remeter diretamente a sua experiência privada, nosso biografado traz a público alguns elementos que podem ajudar a elucidar o caráter ambivalente de suas escolhas. “Formalidade que seja”, escreveu ele, “o casamento [...] legal é certamente uma incoerência para o livre pensador ou para o anarquista, negador do Estado, pois o livre pensador ou o anarquista dá assim prestígio e dinheiro ao inimigo”. No entanto, em outro trecho do mesmo escrito, ele reconhece que: “[...] pode suceder que numa união legal haja maior porção de amor livre do que no casamento extralegal, quando naquela não se dá valor às formalidades

legais e os dois seres unidos são duas individualidades e duas vontades que se respeitam”(NenoVasco. Noções rudimentares sobre amor livre. A Sementeira. Maio de 1916).

Ambivalente ou não, uma breve análise da trajetória percorrida pelo casal revela abundantemente a veracidade das palavras do cronista. O fato de terem se subordinado aos ditames formais exigidos pelo Estado para conquistar alguma facilidade cotidiana não fez com que seu amor fosse menos (ou mais) livre. O respeito que nutriam um pelo outro não deixou de existir nem mesmo quando colocado à prova pelos mais grandes flagelos, tais como a pobreza, a doença e até mesmo a morte. Diversas pessoas, próximas ou distantes, são unânimes ao relatarem que a morte de Neno, em setembro de 1920, poucos meses após a morte de Mercedes em fevereiro daquele mesmo ano, não foi por acaso. Fora o histórico de doenças pulmonares, a depressão que o tomou diante da impossibilidade de seguir adiante sem sua companheira de quase toda a sua vida foi determinante para seu fim (Samis, 2009: 419).

Do enlace matrimonial entre o lusitano e a espanhola nasceram seus dois filhos e suas duas filhas, todos e todas de nacionalidade brasileira. O primeiro filho, Ciro, nasceu em 1906, pouco mais de um ano depois do casamento. Em 1908, nasceu Dino. Ainda recém-nascido, o segundo filho do casal foi acometido por uma meningite que lhe tirou a vida aos sete meses de vida. No ano seguinte, em 1909, veio à luz a primeira filha do casal, que ganhou o nome de Fantina. Um biênio mais tarde, aparecia a última filha, Ondina.

Não sabemos com certeza qual a natureza e extensão do uso que o casal fez dos inúmeros métodos contraceptivos masculinos e/ou femininos que existiam e eram disponibilizados a partir da densa rede que se constituiu ao redor do neomalthusianismo anarquista. No entanto, acreditamos que tiveram conhecimento dos “diversos meios práticos para evitar famílias numerosas”, que trazia, por exemplo, *A Greve de Ventres*, de Luis Bullfi, que ganhou ampla circulação no movimento anarquista e operário luso-brasileiro, tendo inclusive vários anúncios publicados na imprensa do Brasil (*A Terra Livre*. 13/06/1906) e de Portugal (*A Vida*. 05/08/1906).

Além de toda a discussão teórica sobre o controle da natalidade, a maternidade consciente, a liberdade sexual e o amor livre, o precioso texto de Bullfi ¹⁰⁰ traz uma série de ensinamentos práticos sobre métodos anticoncepcionais químicos, os quais ele prefere frente

¹⁰⁰ Esclareço que consultei a edição em espanhol, de 1908, publicada pela *Biblioteca Salud y Fuerza*, a única a qual eu tive acesso.

aos preservativos mecânicos (condão, pessário, esponja, borla de seda absorvente) e ao coito interrompido (a retirada dos pênis antes da ejaculação).

A lista do autor começa com uma injeção feita com soluções caseiras à base de água morna e vários ácidos (cítrico, tartárico, bórico, fênico etc...) que deveria ser aplicada na vagina acompanhado de uma ducha após o ato sexual, o que permitiria “expulsar da vagina todo o esperma ou líquido vital que o homem, em sua ejaculação, terá depositado” (Bulffi, 1908: 23). O segundo é uma solução a base de formol chamado “Formolodor”, apresentado como “procedimento que afasta por completo todos os riscos e todos os temores, sendo o antisséptico mais poderoso” (Bulffi, 1908: 23). Para utilizá-lo, o autor apresenta duas alternativas: a primeira de uso diário, no qual a pastilha deveria ser diluída em dois litros de água e a segunda, usada após o ato sexual, no qual a pastilha deveria ser diluída em um litro de água. Em ambos os casos, a aplicação da injeção se dava na vagina, por meio de uma injeção e acompanhada de uma ducha. Por último, apresenta os “Cones preservativos da gravidez e das doenças sexuais”, preparados a base de sulfato de quinina, timol e ácido cítrico, misturados com uma substância gelatinosa que os mantêm consistentes. Esses cones deveriam ser introduzidos no fundo da vagina, antes da relação. “Com o calor do lugar de onde está alojado” diz Bullfi, “o cone se derrete e o esperma se mistura com as substâncias dele, ficando os espermatozoides completamente anulados” (Bulffi, 1908: 24).

Além desses meios, provavelmente tiveram conhecimento também de outros, tais como a *Camisa de Vênus* (O Agitador. 09/11/1911), as *Velas de Erbon* (Germinal. 23/11/1912) e a *Philagina* (A Lanterna. 29/01/1916), que eram constantemente sugeridos e, muitas vezes, anunciados nos jornais, que indicavam o preço, o farmacêutico responsável e a drogaria onde consegui-los. Não raro, os profissionais que trabalhavam com os contraceptivos eram simpáticos, quando não militantes anarquistas (Freire: Lousada: 1982).

Acredita-se que Neno e Mercedes fizeram uso dos anticoncepcionais acima citados, porque a análise da trajetória dos Moscoso e Vasconcelos permite vislumbrar a existência de algum planejamento familiar. A primeira evidência que nos leva a crer nisso é a concentração das gravidezes nos seis primeiros anos de vida do casal, quando ainda viviam no Brasil. Nos

restante dos nove anos de vida do casal¹⁰¹, que passam em Portugal, eles não têm mais nenhum filho ou filha.

A segunda evidência que nos leva a sustentar esta hipótese é o esforço para respeitar os intervalos entre uma gestação e outra, que, em geral, é no mínimo de dois anos. Essa meta é alcançada em relação aos intervalos entre as gestações de Ciro e Dino (1905-1907) e Fantina e Ondina (1908-1910). Em relação ao intervalo entre a gestação de Dino (1908-1909), a meta possivelmente colocada pelo casal não é atingida. Essa prudência obedece a visão anarquista expressa por Neno Vasco alguns anos antes de sua união com Mercedes Moscoso:

Hoje será muito humano não assumir a pesada responsabilidade de dar vida a alguém, antes de cuidar dessa vida para a revolução social, e como essa não cai do céu, qualquer melhoramento que, como a prudência parental, o nascimento desejado e o cuidado, prepara consciências (Neno Vasco. O Amigo do Povo. 01/05/1903)

Essa relativa autonomização da sexualidade frente à procriação, conforme já pontuado, permitirá a Neno e Mercedes possibilidades de participarem de uma moral sexual outra, na qual ambos poderiam gozar de modo livre dos prazeres oferecidos por seus corpos, estabelecendo um relacionamento fora dos ditames rígidos e sufocantes da moral imposta pela Igreja e pelo Estado. No entanto, essa nova moral esbarrou na assimilação de uma série de exigências feitas à época, sobretudo quando se pensa na naturalização do modelo nuclear de família como forma de proteger a classe operária. Isso, sem dúvida, levou ele e ela a assumirem uma posição no campo sexual muito discreta. Essa visão é perceptível na ideia de que a união libertária não se assentava apenas sobre a “paixão sexual”, mas também no “afeto mútuo” que une o casal e os filhos.

Por entenderem que a família era uma “escola indispensável dos pensamentos afetivos”, os Moscoso e Vasconcelos acreditavam ser a criação dos filhos, uma tarefa fundamental. Neno Vasco era da opinião de que a educação infantil estava repleta “de preconceitos, de coisas maduras, abstrusas e metafísicas”, como revelava o modelo já trilhado pelo ensino religioso monopolizado até então, pelas escolas católicas. Em sua avaliação, “o bom caminho quanto ao método e quanto ao assunto” torna-se essencial para um ensino científico que sirva para elevar as crianças à condição de seres capazes de se desenvolverem livremente, como sinalizava a tendência representada pelas escolas modernas (Neno Vasco. Da Porta da Europa. A Lanterna. 28/10/1911).

¹⁰¹ Esta matemática leva em conta a data de morte de ambos, que morreram em 1920, com poucos meses de diferença, de tuberculose.

No entanto, isso não bastava para ele, sendo necessário colocar “a arte encantadora ao serviço da infância”. Entendendo a educação infantil como um domínio em que ciência e arte convergem, ele concebia as crianças como “tenras plantas a tratar” e os homens e as mulheres que se dedicam a esta tarefa como jardineiros que fazem “não somente obra de beleza, mas de utilidade social” (Neno Vasco. Da Porta da Europa. A Lanterna. 28/10/1911). Como bons jardineiros que se dedicam ao cultivo de seu jardim, Neno e Mercedes buscaram introduzir Ciro, Fantina e Ondina no mundo das artes e ciências desde muito cedo, permitindo a emergência de sujeitos que se desenvolveriam em termos integrais, ou seja, tanto em termos racionais quanto em termos afetivos.

Ainda tratando de matéria educativa, Neno e Mercedes podiam contar com o amplo apoio da comunidade libertária, que dispunha de instituições pedagógicas que dividiam com os pais a corresponsabilidade pela formação dos filhos e das filhas. Caso tivessem permanecido no Brasil, possivelmente Ciro, Fantina e Ondina teriam como destino certo a Escola Moderna n.º 1, de São Paulo. Ao lado de vários companheiros, Neno Vasco encabeçou o comitê iniciador desse experimento pedagógico, ainda em 1909. No documento que fizeram circular para justificar o projeto, afirmam que:

[...] esta importante iniciativa destinada a resolver um dos mais interessantes problemas morais — o da educação baseada sobre o ensino livre da natureza e sobre as ciências — a arrancar o cérebro das crianças à influência nefasta de prejuízos embrutecedores e de doutrinas imorais, a opor-se à obra de escravização e de regresso empreendida pelos padres nos conventos, nos seminários e nas escolas, a caminhar, em suma, as novas gerações para os limites máximos da intelectualidade e do progresso (Dante Ramenzoni; Edgard Leunroth; Eduardo Vassimon; José Duro; Leão Amoré; Luigi Damiani; Neno Vasco; Orestes Ristori; Pedro Lopes; Tobias Boni. A Escola Moderna em São Paulo. A Terra Livre. 09/01/1910).

Como se pode evidenciar pelos nomes dos integrantes do Comitê Pró-Escola Moderna, nem todos eram anarquistas. Por exemplo, Dante Ramenzoni era socialista, José Duro era republicano e não consegui encontrar a posição política de Pedro Lopes. A despeito disso, é inegável a influência do anarquismo sobre seus idealizadores, fato claramente perceptível no conteúdo do documento reproduzido acima.

A Escola Moderna n.º 1 de São Paulo começou a operar apenas três anos depois do lançamento do documento supracitado¹⁰². Nessa escola, situada no Bairro do Belenzinho,

¹⁰² Como registra Leila Floresta de Oliveira, há uma polêmica historiográfica envolvendo a data de fundação da Escola Moderna n. 1. Jaime Cubero privilegia o ano de 1909 e Flávio Luizeto o ano de 1912. Para a autora, as pesquisas de Marinice Fortunato não deixam dúvida sobre esta questão: “a Escola Moderna n 1 recebeu inicialmente o nome de Escola Livre, fundada em 31 de maio de 1913, sendo dirigida por João Penteado. Passou a chamar Escola Moderna n 1 em julho de 1913, sendo inaugurada oficialmente pelo Comitê

ensinava-se meninos e meninas, de 07 a 15 anos, baseando-se num programa inicial que contemplava as disciplinas de Português, Aritmética, Geografia, História do Brasil e Ciências Naturais, e que poderia ser alterado “de acordo com as necessidades futuras e com a aceitação de que o ensino racionalista for merecendo”. A direção da escola estava sob as mãos de João Penteado, sendo secundado por professores e professoras como Adelino de Pinho, Florentino de Carvalho, Maria Antônia Soares e Sebastiana Penteado, só para mencionar alguns nomes de maior destaque (João Penteado. Escola Moderna nº 1. A Lanterna. 04/10/1913).

Com o intuito de conectar escola, família e comunidade, eram realizadas ainda conferências sobre assuntos educacionais, quermesses, recitais de hinos e bailes familiares. Um vívido relato, publicado n’ *A Lanterna*, nos permite vislumbrar com maior profundidade o que eram e no que consistiam essas festas escolares, como eram simpaticamente apelidadas pelas pessoas que as promoviam:

Realizou-se no dia 12 do corrente, à noite, em sua sede, da avenida Celso Garcia, 262, a anunciada festa escolar ao ar livre, cujo programa constou de cantos de hinos escolares, recitação de poesias escolhidas, canções e diálogos pelos alunos da mesma e uma conferência pelo secretário da Sociedade Escola Moderna de S. Paulo, Leão Aymoré. A festa foi dividida em duas partes, uma literária, que se realizou num tablado, ao ar livre, no quintal da escola, e outra diversiva, que constou de quermesse e baile familiar, que foi realizada nas salas de sua dependência. A concorrência, a despeito do mau tempo, foi bastante regular, e a festa, que esteve animada, durou até a manhã do dia imediato (Interessante velada na Escola Moderna n. 1 – Pelas nossas escolas. A Lanterna. 26/02/1916).

Essas atividades culturais, patrocinadas pela Escola Moderna nº 1 de São Paulo, também ocorriam sob a promoção de grupos de estudo, bibliotecas, associações filodramáticas e sindicatos. Elas se inserem e se articulam a um contexto mais amplo, em que a formação política assume o primeiro plano. Como aponta Rago (2014:156), para que não se perdessem frente aos lazeres alienados introduzidos pelo capitalismo, tais como o fumo do tabaco, a ingestão de bebidas alcoólicas, o baile, o carnaval etc., que impediam o proletariado de construir sua consciência revolucionária, era necessário que criar um outro tipo de lazer, no qual diversão e conscientização andariam de mãos dadas.

No entanto, foi a Escola-Oficina n.º 1, sediada em Lisboa, para onde os Moscoso e Vasconcelos se mudaram em abril de 1911, que cumpriu essa função. Por meio de suas crônicas, Neno Vasco fez chegar até nós elementos preciosos para entendermos a gênese e a dinâmica do referido espaço educativo. Sem se referir diretamente ao filho e às filhas que lá

Pró-Escola Moderna em 19 de outubro de 1913, quando se comemora o 4º aniversário da morte de Ferrer ” (Fortunato *apud* Oliveira, 1997:173).

estudavam, nosso biografado deixa entrever um pouco dos motivos que levaram ele e sua companheira a escolherem a Escola-Oficina n.º 1 como a instituição formativa de Ciro, Fantina e Ondina. Ouçamos o que ele próprio tem a dizer sobre essa “bela escola”:

Aqui perto da minha residência, num dos pontos mais elevados de Lisboa, o Largo da Graça, está estabelecida uma instituição de ensino que já ganhou fama e que tem merecido elogios dos competentes e dos profanos – a Escola-Oficina n.º 1, da sociedade promotora das Escolas Oficinas. Ainda recentemente uma comissão estrangeira de estudo, declarando e verificando que as instituições escolares de Portugal estão em grande atraso — talvez de um século quanto a certos países, como a Suíça, — reconheceu com surpresa que a Escola-Oficina n.º1 não só se destaca violentamente do resto, mas, não tem lá fora rival ao seu gênero (Neno Vasco. Uma Bela Escola – Da Porta da Europa. A Lanterna. 24/01/1914).

A Escola-Oficina não era uma escola integralmente anarquista. Inicialmente, ela havia sido idealizada e implementada em 1905 por republicanos para proporcionar aos filhos dos trabalhadores uma educação diferenciada. No entanto, com o ingresso ulterior dos socialistas e, principalmente, dos anarquistas, houve uma “revolução” naquela escola (Barreira, 2006: 2). Ao lado de outros anarquistas, como César Oliveira, Emílio Costa, José Carlos de Sousa, Deolinda Lopes e, principalmente, Adolfo Lima, a pedagogia libertária foi sendo progressivamente implementada. Adolfo Lima, que se encontrava à frente da sua gestão pedagógica, despertava em Neno e (acreditamos que também) em Mercedes a mais profunda simpatia. Na sua visão:

Adolfo Lima não observa, as coisas sobre que escreve, do fundo do seu gabinete, entre rimas de livros volumosos e graves, nem enche os seus escritos de citações e de erudição de compêndio. O que lê, assimila-o e dá-lhe uma expressão pessoal; e há nele acima de tudo o prático, o técnico, o experimentador de ideias e processos novos – pois que é professor na Escola-Oficina n.º 1, a bela instituição de ensino de que já me ocupei neste lugar [...]. É um estudioso, um trabalhador, que não chega mesmo a orador, que faz em vez de pregar, que dá boas lições, não só as suas crianças, mas a nós todos, que nos fornece o fruto dos seus estudos e experiências, em vezes de pomposas declamações (Neno Vasco. Educação e Ensino - Da Porta da Europa. A Lanterna. 16/05/1914).

Da sua residência, Neno e Mercedes podiam acompanhar atentamente o trajeto que Ciro, Fantina e Ondina faziam para chegar até o prédio onde funcionava a Escola-Oficina. Amplo e dividido em dois andares, ele permitia acomodar salas espaçosas. Naquelas não havia a tábula magister acompanhada do tradicional estrado, o que permitia uma organização descentralizada do espaço, onde eram colocadas uma grande mesa e várias cadeiras sem lugar marcado. Ali os meninos e as meninas poderiam se sentar e receber as lições das disciplinas vinculadas à educação acadêmica, tais como a Geografia, Sociologia, Desenho, Português, Matemática, História, Ciências Naturais.

Dentro das instalações do prédio, temos ainda as oficinas onde eram realizadas as disciplinas de marcenaria, latoaria, cerâmica em barro, estofos e costuras, todas pertencentes ao campo da educação profissional. No espaço externo do prédio, um grande pavilhão foi montado visando o desenvolvimento de atividades sensoriais e motoras, tais como jogos, encenações cênicas, ginásticas e brincadeiras voltadas para a educação física dos alunos e das alunas. Todas essas dimensões convergem para a educação integral, que visava formar homens e mulheres completos, capazes de trabalhar tanto com a mão quanto com o cérebro.

Como registro dessas atividades, ficaram legados para posteridade uma série de desenhos, partituras musicais, listas de livros e exercícios matemáticos feitos por Ciro, Fantina e Ondina que corroboram o juízo de seu pai quanto ao sucesso de tal instituição. Segundo nosso biografado, diferentemente de tantas outras escolas fundadas por anarquistas, que eram “ricos de iniciativa”, porém “pobres de aptidões pedagógicas”, a Escola-Oficina se preocupava mais com o ensino do que com a propaganda propriamente dita. Desse modo, as “ideias libertárias” emergiam entre os alunos e as alunas não como o sinal de uma “catequização dogmática”, mas como o desabrochar “livre da educação” (Neno Vasco. Uma Bela Escola – Da Porta da Europa. A Lanterna. 24/01/1914).

Assim como a Escola Moderna n° 1, a Escola Oficina n° 1 também contava com uma série de atividades extraclasse, tais como saraus, excursões, visitas e piqueniques, festas familiares e exposições, nas quais a presença de Neno e Mercedes era uma constante. Levadas a cabo por Ciro, Fantina, Ondina e seus colegas por meio da associação estudantil *A Solidária*, elas visavam ligar a escola, a família e a comunidade, trazendo uma concepção mais ampla do processo educativo. Nosso biografado, que esteve presente na exposição realizada em 26 de dezembro de 1913, registra as impressões que os trabalhos feitos pelos alunos e pelas alunas deixaram nele quando da sua visita:

Fui, pois, ver a exposição deste ano, trás-ante-ontem, dia da festa da família, e tenciono voltar lá hoje. Sou pouco afeito a entusiasmos excessivos. Pois bem: no dia de natal, sai da Escola-Oficina profundamente impressionado ante o resultado dos métodos pedagógicos ali aplicados [...] Sim, lá vemos o erro, o mau, o imperfeito, o desajeitado, o ingênuo; mas isso vai gradativamente afogando e se desfazendo no bom, vai cedendo lugar ao melhor, ao mais perfeito, ao mais seguro, isso encheu-me de confiança e de admiração ante a beleza do conjunto (Neno Vasco. Uma Bela Escola – Da Porta da Europa, A Lanterna. 24/01/1914).

Como forma de avaliação, os educandos e as educandas eram submetidos a um exame público em que tinham que apresentar o resultado do que haviam produzido ao longo do ano. Nessas exposições, ficavam à mostra para o público todos os trabalhos artísticos, científicos e

profissionais de escolares de 07 a 15 anos, produzidos durante as disciplinas ministradas ao longo de seis graus de ensino. Em outro trecho de sua crônica, nosso biografado aprofunda essas mesmas impressões, pincelando um quadro extremamente positivo de tudo que seus olhos viam:

Tudo, — as provas escritas, os desenhos, os mapas, os trabalhos de modelação e de cartonagem, os brinquedos de madeira e de folha, obra de marceneiros e latoeiros de 8 a 10 anos, as caricaturas, cintilantes de espírito, cheias de segurança, os trabalhos de marcenaria e de talha, alguns deles verdadeiras obras de arte, etc, etc, — tudo nos mostra o que seria o ensino e o bem que ele faria, se todas as escolas fossem como esta, tudo nos faz entrever o que ele seria numa sociedade emancipada, onde a toda a infância, com o ar, a luz, o alimento adequado e bastante, fosse distribuída uma educação integral, o desenvolvimento harmônico e simultâneo de todos os órgãos e capacidades... (NenoVasco. Uma Bela Escola – Da Porta da Europa, A Lanterna. 24/01/1914).

Essas atividades culturais em Portugal, como no Brasil, nutriram e foram nutridas de um projeto de formação política no qual o lazer operário aparece como pedra de toque da ideologia libertária. Afinal de contas, nesses espaços, as pessoas trabalhadoras poderiam encontrar “um ambiente adequado ao seu estado de espírito, um convívio grato aos seus sentimentos de homem [e de mulher] do trabalho, o calor das grandes paixões sinceras e o estímulo dos mais fecundos exemplos. E lá se encontra também o conforto convidativo da luz, do ar e da arte” (NenoVasco. A casa dos trabalhadores e as oito horas. A Batalha. 14/10/1919).

Se é verdade que o anarquismo concebia o cuidado com a infância como uma responsabilidade a ser compartilhada socialmente, não é menos verdade que o peso dessa tarefa tenha sido dividido equitativamente do ponto de vista de gênero. Entre a militância sempre permanecerá, em alguma medida, a visão naturalizada de que cabe prioritariamente ao pai o trabalho produtivo e a mãe o trabalho reprodutivo. Não raro, já o vimos, o avanço do capitalismo é representado como o principal destruidor do lar operário, justamente por colocar em questão essa divisão sexual trabalho preexistente:

A indústria moderna vai arruinando cada vez mais o lar operário, desfazendo a família pobre, à qual a fábrica arranca a mulher. Nos grandes países industriais são aos milhões – perto de seis, na Inglaterra – as mulheres absorvidas pela oficina, ao lado de crianças de 9 ou 10 anos para cima (NenoVasco. O feminismo e a mulher proletária. A Terra Livre. 27/03/1913).

Nessa configuração familiar, o pai, após longas jornadas de trabalho ao chegar em “casa, mal lhe sobeja o tempo para comer e atirar-se para cima do catre, sem forças”. A mãe, “também amiúde arrebatada pela fábrica”, ao chegar em casa também precisa cozinhar, limpar, lavar e passar. Sem o devido planejamento familiar, a prole cresce desordenadamente

e desde muito se encontra também sujeita à exploração capitalista. Para se anestesiarem dessa terrível realidade, procuram as “consolações dúbias do botequim” e se entregam ao álcool “a chicotada que excita e dá uma aparência de energia”. O resultado disso, na visão de nosso biografado, é um retrato de um lar “nu e triste, sem um conforto, sem um adorno, sem um atrativo” (Neno Vasco. *A casa dos trabalhadores e as oito horas. A Batalha*. 14/10/1919).

Daí um certo reforço da instituição familiar que emerge como um espaço de proteção da classe trabalhadora contra o capitalismo. Num escrito dedicado à crônica histórica da luta pelas oito horas diárias de trabalho e o lazer operário, isso aparece claramente:

Pouco importa que o escravo seja bem pago: se todas as suas horas pertencem ao patrão, é um escravo miserável e sem alma, cuja vida brutal se limita às restritas funções vegetativas da besta de carga e do burro de nora. Menos horas de labuta cotidiana são mais horas consagradas às suaves intimidades da família, ao embelezamento do lar, à cultura e recreio do espírito. Uma faina diária mais breve é o organismo menos fatigado e mais são, uma prole mais robusta, a tuberculose e o alcoolismo reduzidos. É a taberna substituída pelo lar, pela biblioteca e pela associação (NenoVasco. *A casa dos trabalhadores e as oito horas. A Batalha*.14/10/1919).

Ainda que não seja uma família de procedência “puramente” operária, essas concepções de gênero também foram relevantes para a estruturação da divisão sexual do trabalho da família Moscoso e Vasconcelos. A Neno Vasco, coube o trabalho produtivo, graças ao qual ele obtinha a remuneração que permitia arcar com os custos referentes às necessidades básicas do núcleo familiar: tais como a alimentação, o vestuário, a moradia, a saúde, dentre outras. À Mercedes Moscoso, coube o trabalho reprodutivo, graças ao qual ela assegurava as condições para que as necessidades básicas do núcleo familiar fossem satisfeitas, por meio de tarefas como preparar as refeições, lavar as roupas, organizar a casa, dar remédios em caso de enfermidade, dentre outras. Ciro, Ondina e Fantina nunca tiveram que trabalhar (dentro ou fora de casa), dedicando-se exclusivamente aos estudos.

Tal perspectiva incide, como já pontuado, no diferente acesso que homens e mulheres anarquistas tiveram ao espaço público libertário. Além do trabalho em casa e na fábrica, era difícil para as mulheres disporem de tempo para a militância nos sindicatos ou grupos específicos, como muitos homens pareciam não perceber. Mesmo que muitos companheiros se mostrassem sensibilizados em captar as mulheres para os espaços militantes, a ausência de táticas concretas para realizar isso revelou os limites de uma estratégia que não levava em conta suficientemente as diferenças de gênero. Foi contra esse estado de coisas que muitas mulheres se levantaram numa ponta e outra do Atlântico, criando sindicatos, jornais, grupos e

outras ferramentas pedagógicas para capacitá-las a fim de que estivessem aptas a lutar por si mesmas e pelos outros.

No entanto, aquelas constituíam uma minoria. A maioria permanecia restrita à esfera privada, e a partir dali, ajudavam os seus companheiros para que eles pudessem levar adiante a luta pela emancipação social. Essa dinâmica nos ajuda a entender o porquê de, mesmo Mercedes Moscoso sendo anarquista, não encontrarmos registros de textos de sua autoria, de participações em grupos ou de intervenções em eventos públicos do movimento anarquista e operário, seja no Brasil, seja em Portugal. Por assumir a parte essencial do trabalho que se dava no âmbito do espaço doméstico, restava a ela o papel de ajudar o seu companheiro, liberando-o de sua parte do trabalho reprodutivo, lendo seus escritos e influenciando em suas tomadas de posição.

A experiência do casal libertário coloca em tela as tensões que atravessaram Neno e Mercedes, o modo como se amaram, como criaram seus filhos e como viveram. Inseridos em um momento particularmente rico do movimento anarquista e operário luso-brasileiro, experimentaram os desafios de um tempo no qual as rupturas introduzidas pelos novos papéis de gênero vieram a se mesclar com as continuidades que permaneciam dos antigos, criando as características que singularizaram a família Moscoso e Vasconcelos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Hemerografia:

O Amigo do Povo, São Paulo. 1902-1904.

A Aurora. Porto. 1910-1920.

A Batalha. Lisboa. 1919-1927.

A Lanterna. São Paulo. 1909-1916.

O Mundo. Lisboa. 1900-1907.

A Sementeira. Lisboa. 1908-1913.

A Terra Livre. São Paulo. 1905-1910.

A Terra Livre. Lisboa. 1913-1913.

A Vida. Porto. 1905-1910

Bibliografia:

ACKELSBERG, Martha. Anarchism and Gender. (2016), Study of Women and Gender: Faculty Publications, Smith College, Northampton, MA, pp.1-.7.

BARREIRA, Luiz Carlos. (2006), Educação Popular e Renovação Educacional em Portugal nas Primeiras Décadas do Século XX: o pioneirismo da Escola Oficina Nº 1 de Lisboa, na ótica de Adolfo Lima. In: Anais do IV Congresso Brasileiro de História da Educação: a educação e seus sujeitos na história. Goiânia, 2006, pp.1-10.

BULFI, Luis. (1908), ¡Huelga de vientres! Medios prácticos para evitar las familias numerosas. Barcelona. Biblioteca Editorial Salud y Fuerza.

CASTRO Gomes, Ângela de. (2004), Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: Escrita de si, Escrita da História. Ângela de Castro Gomes (Org.). Rio de Janeiro: Editora FGV. pp.7-26.

FERRERY GUARDIA, Francisco. (2014), A Escola Moderna, São Paulo: Biblioteca Terra Livre.

FREIRE, João; Maria Alexandre Lousada. (1982). O neomalthusianismo na propaganda libertária. *Análise Social*, Lisboa, n. 72, pp. 1367-1397.

GAMA, Olinda da Conceição de Jesus. (2014), Anarquismo e Relações de Género – o olhar anarquista do início do século XX. Dissertação (Mestrado em História). ISCTE, Lisboa.

GRIGOLIN, Fernanda. (2020), Sou aquela mulher do canto esquerdo do quadro. A história das mulheres anarquistas como narrativa encarnada. Tese (Doutorado em Artes Visuais), Unicamp, Campinas.

MARIN, Dolors. (2018), Mujeres Libres: el derecho al próprio cuerpo. In: ROA, Paula Ruiz. (Org.). Jornadas 80 Aniversario de la Federación Nacional de Mujeres Libres - La lucha de todos los tiempos. 1ed. Madrid: Confederación General del Trabajo, pp.213-247.

OLIVEIRA, Leila Floresta. (1997), Educação Libertária: paradigmas Teóricos e experiências pedagógicas. Dissertação (Mestrado em Educação). UFU, Uberlândia.

PRADO, Arnoni; HARDMAN, Foot. (2011), Introdução. In: PRADO, Arnoni; HARDMAN, Foot; LEAL, Claudia (Orgs). Contos Anarquistas: temas & textos da prosa libertária no Brasil. São Paulo: Martins Fontes, pp.13-43.

RAGO, Margareth. (2014), Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

RAGO, Margareth. (2000), Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo. São Paulo: Unesp.

SAMIS, Alexandre. (2009), *Minha pátria é o mundo inteiro: Neno Vasco, o Anarquismo e o Sindicalismo Revolucionário em Dois Mundos*. Lisboa: Letra Livre.

SEIXAS, Jacy Alves. (1992), *Mémoire et oubli: Anarchisme et Syndicalisme révolutionnaire au Brésil*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme.

SILVA, Thiago Lemos. (2012), *Fragmentos biográficos de um anarquista na Porta da Europa: a escrita crônica como escrita de si em Neno Vasco*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) UFU. Uberlândia.

SCOTT, Joan. (1995), *Gênero: uma categoria útil na análise histórica*. Educação e Realidade, Porto Alegre, n 2, pp.72-99.